

I

Na amena costa da Riviera francesa, mais ou menos a meio caminho entre Marselha e a fronteira italiana, ergue-se um vasto e soberbo hotel pintado de cor-de-rosa. Solícitas palmeiras refrescam a sua afogueada frontaria, diante da qual se estende uma pequena e luminosa praia. Recentemente, o hotel tornou-se um local de veraneio frequentado por notáveis e gente elegante; há dez anos, ficava praticamente desabitado a partir de Abril, quando a sua clientela inglesa rumava para Norte. Hoje está rodeado de moradias, mas no momento em que esta história tem início, apenas as cúpulas de uma dúzia de velhas vivendas se arreigavam como nenúfares entre a extensão de pinheiros que se prolonga desde o Hôtel des Étrangers, do Sr. Gausse, até Cannes, a oito quilómetros de distância.

O hotel e o resplandecente tapete de orações que lhe serve de praia são um só. De manhã cedo, a distante imagem de Cannes, o rosa e creme das velhas fortificações, assim como os arroxeados Alpes que bordejam a Itália reflectiam-se tremulamente no mar levemente ondulado e nos círculos produzidos pelas algas nas zonas baixas e translúcidas. Antes das oito da manhã, um homem desceu à praia embrulhado num roupão azul, e depois de preventivas aplicações de água gelada sobre a sua pessoa, de muito gemer e resfolegar, esbracejou por um minuto no mar. Depois da sua partida, a praia e a baía ficaram em silêncio durante uma hora. No horizonte, navios mercantes deslizavam vagorosamente para oeste; moços de autocarros gritavam no pátio do hotel; o orvalho secava nos pinheiros. Uma hora depois, começaram a ouvir-se buzinas de automóveis na sinuosa estrada que atravessa as Maures, que separam a costa da verdadeira França provençal.

A quilómetro e meio do mar, num ponto onde os pinheiros dão lugar a poeirentos choupos, há um apeadeiro isolado, do qual, numa manhã de Junho de 1925, uma vitória trouxe para o Hôtel de Gausse uma mulher e a sua filha. O rosto da mãe era de uma beleza gasta, um rosto que em breve seria percorrido por pequenas veias quebradas; tinha uma expressão agradável, simultaneamente atenta e tranquila. Todavia, o nosso olhar deslocava-se imediatamente para a filha, que tinha as palmas das mãos magicamente rosadas e nas faces um adorável rubor infantil, como o das crianças depois do frio banho da tarde. A sua fronte encurvava graciosamente até ao ponto onde os cabelos, que a delimitavam como um escudo de armas, irrompiam em anéis e ondas e caracóis de um louro dourado e acinzentado. Tinha uns olhos brilhantes, grandes, límpidos e húmidos, o rosado das suas faces era genuíno, irrompendo à flor da pele pelo forte bombear de um jovem coração. O seu corpo pairava delicadamente no último degrau da infância — tinha quase dezoito anos, mas exhibia ainda uma frescura de orvalho.

À medida que o mar e o céu apareceram ao fundo, numa linha fina e ardente, a mãe disse:

“Algo me diz que não vamos gostar deste sítio.”

“Gostemos ou não, eu queria era voltar para casa”, respondeu a rapariga.

Ambas falaram num tom alegre, mas estavam claramente sem rumo e aborrecidas com o facto — além de que nem todo o rumo lhes serviria. Pretendiam divertir-se, não pela necessidade de estimular os nervos debilitados, mas com a avidez de estudantes premiadas que sentiam merecer as suas férias.

“Ficamos três dias e depois vamos para casa. Vou já telegrafar a marcar os bilhetes do barco.”

No hotel, a jovem fez a reserva num francês idiomático mas pobre, como algo recordado. Depois de instaladas no rés-do-chão, ela dirigiu-se para o clarão da porta envidraçada e deu uns passos no terraço de pedra que circundava todo o hotel. Caminhava com um porte de dançarina, não inclinada para a frente a partir das ancas, mas antes bem firmada na cintura. No exterior, a luz quente recortava-lhe aos pés uma pequena sombra e a jovem voltou para dentro — o brilho era demasiado intenso. A cinquenta metros, o Mediterrâneo cedia os seus pigmentos, momento a momento, à brutal luz do Sol; por baixo da balaustrada, um *Buick* desbotado recozia na vereda de acesso ao hotel.

Na verdade, em toda a zona, só a praia fervilhava de actividade. Três amas britânicas tricotavam os lentos padrões da Inglaterra vitoriana, padrões dos anos 40, 60 e 80, em camisolinhas e carapins, ao som de mexericos tão formalizados como feitiços; mais perto da água, uma dúzia de pessoas abrigava-se sob guarda-sóis às riscas, enquanto uma dúzia de crianças, seus filhos, perseguia fleumáticos peixes na maré vaza ou jazia nua ao sol, com a pele a brilhar de óleo de coco.

Quando Rosemary chegou à praia, um rapaz de doze anos passou a correr por ela e atirou-se à água com gritos de exultação. Sentindo o intenso escrutínio de rostos estranhos, ela tirou o roupão e seguiu para o mar. Flutuou por momentos com o rosto imerso, mas, percebendo que era muito baixo, pôs-se de pé e avançou alguns metros, sentindo nas magras pernas a resistência da água. Tendo chegado a um ponto em que esta lhe dava pelo peito, Rosemary olhou para trás: um homem calvo, de monóculo e calções de malha, com o peito enfundado coberto de pêlos e o umbigo metido para dentro, estava a olhar atentamente para ela. No momento que ela lhe devolveu o olhar, o homem baixou o monóculo, que desapareceu entre a jocosa pelagem do seu peito, e verteu para um copo parte da garrafa que trazia na mão.

Rosemary inclinou o rosto sobre a superfície da água, e dirigiu-se em rápidas braçadas para a jangada. A água crescia para ela, puxava-a ternamente para fora do calor, infiltrava-se nos seus cabelos e acariciava-lhe todo o corpo. Rosemary rodopiava nela, abraçava-a, espolinhava-se de prazer. Quando chegou à jangada estava sem fôlego, mas, ao reparar que uma mulher morena, de dentes muito brancos, a olhava, Rosemary teve de súbito vergonha da extrema brancura da sua pele e deu meia-volta, regressando ao areal. O homem peludo, de garrafa na mão, dirigiu-lhe a palavra quando saiu.

“Olhe que para lá da jangada há tubarões.” Era de nacionalidade indefinida, mas falava inglês com uma pronúncia arrastada de Oxford. “Ontem devoraram dois marinheiros britânicos, em Golfe-Juan.”

“Credo!”, exclamou Rosemary.

“São atraídos pelos detritos largados pelos navios.”

Pondo o monóculo, para indicar que apenas falara para a advertir, o homem desviou-se afectadamente dois passos e serviu-se novamente da garrafa.

Embaraçada, mas não inteiramente descontente pelo facto de esta conversa ter atraído a atenção sobre si, Rosemary procurou um lugar

onde se sentar. Evidentemente, cada família tinha direito à tira de areia fronteira ao respectivo guarda-sol; além disso, os presentes visitavam-se ou trocavam palavras à distância, numa atmosfera de comunidade em que seria atrevimento intrometer-se. Mais para trás, numa zona onde a praia estava juncada de pedras e algas mortas, estavam umas pessoas de pele tão branca como a sua, abrigadas sob sombrinhas em vez de guarda-sóis, e que pareciam mal ambientadas ao local. Rosemary escolheu um ponto entre os morenos e os pálidos e estendeu na areia o seu roupão. Deitada, começou por lhes ouvir as vozes, sentindo depois os seus pés e os seus vultos passando entre ela e o Sol. Sentiu nervosamente no pescoço o bafo de um cão que, curioso, a viera farejar; sentia a pele a aquecer ao sol e o exausto rumor das ondas ao morrerem na praia. Em breve começou a distinguir as diferentes vozes e percebeu que alguém falava desdenhosamente «daquele North» que na noite anterior raptara um criado de café em Cannes para o serrar a meio. O fiador da história era uma mulher de cabelos brancos e vestido de noite, obviamente uma relíquia do serão anterior, pois trazia ainda uma tiara na cabeça e uma orquídea cabisbaixa a morrer-lhe no ombro. Sentindo crescer em si uma vaga antipatia pela mulher e respectivo grupo, Rosemary virou-lhe as costas.

No lado para o qual se voltou, mais perto de si, estava uma mulher nova deitada sob um tecto de guarda-sóis, a copiar de um livro aberto sobre a areia uma lista de coisas. Tinha as alças do fato de banho descidas dos ombros e as suas costas, de um castanho-alaranjado, contra o qual se destacava um colar de pérolas cor de creme, brilhavam ao sol. Tinha um rosto fechado, bonito e sofrido. Mais adiante estava um belo homem com um boné de jóquei e calções às riscas; depois, a mulher que Rosemary vira na jangada, e que a observara; a seguir, um homem de rosto comprido e cabeleira loira, leonina, com uns calções azuis e sem chapéu, a falar sisudamente com um jovem de calções pretos e aparência claramente latina, enquanto se entretinham ambos a brincar com as algas na areia. Rosemary achou que deviam ser americanos, embora algo neles os distinguisse dos americanos que ela conhecera ultimamente.

Passado um momento, percebeu que o homem do boné de jóquei estava a proporcionar um tranquilo espectáculo a este grupo: de ar grave e ancinho na mão, com gestos ostensivos, o homem arrastava seixos miúdos, numa esotérica paródia a que o seu rosto grave dava maior relevo. A menor das suas mudanças de expressão suscitava

hilaridade, e qualquer palavra que proferisse levantava um coro de gargalhadas. Mesmo os banhistas que, como Rosemary, se encontravam demasiado afastados para perceberem o que ele dizia não deixavam de lhe prestar atenção, e a única pessoa na praia que se lhe mostrava indiferente era a mulher do colar de pérolas. Talvez por recato de pessoa rica, ela reagia a cada salva de gargalhadas debruçando-se mais decididamente sobre a sua lista.

De súbito, a voz do homem do monóculo e da garrafa desceu do céu, dirigindo-se a Rosemary.

“A menina é uma excelente nadadora.”

Ela hesitou.

“Fantástica. Chamo-me Champion. Está aqui uma senhora que diz que a viu em Sorrento na semana passada. Sabe quem é e gostaria de a conhecer.”

Ocultando o aborrecimento, Rosemary olhou em volta e percebeu que o grupo de pessoas não bronzeadas estava à sua espera. Com relutância, levantou-se e foi ao seu encontro.

“A Sr.^a Abrams... a Sr.^a McKisco... o Sr. McKisco... o Sr. Dumphy...”

“Nós conhecemo-la”, disse a mulher do vestido de noite. “É a Rosemary Hoyt. Eu reconheci-a em Sorrento e confirmei com um empregado do hotel. Achamo-la maravilhosa e queríamos saber porque não regressa à América para fazer mais um daqueles filmes tão maravilhosos e comoventes.”

Fizeram um gesto supérfluo de avançar na sua direcção. A mulher que a reconhecera não era judia, apesar do nome. Era uma dessas «velhas gaiteras», a quem uma boa digestão e uma total impermeabilidade à experiência lhe permitiam prolongar-se até à geração seguinte.

“Queríamos avisá-la para ter cuidado com o sol no primeiro dia”, prosseguiu jovialmente. “Porque a *sua* pele é muito importante, e no raio desta praia parece haver tanta cerimónia, que não sabíamos se a menina se iria lembrar disso.”